

UMA RELEITURA DO DESAMPARO

MENEZES, Lucianne Sant'Anna de. **Desamparo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. (Coleção clínica psicanalítica/ dirigida por Flávio Carvalho Ferraz).

Resenhado por / *Reviewed by*: **Murilo Henrique Silva¹**
Gabriela Silva Mendonça²

567

A obra resenhada Desamparo, foi uma leitura realizada do livro da autora Lucianne Sant'Anna de Menezes, publicado em São Paulo no ano de 2012, com 126 p. Insere-se na Coleção Clínica Psicanalítica, dirigida por Flávio Carvalho Ferraz. Professora adjunto I do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia–UFU, atua em temáticas relacionadas à Psicologia Clínica e Social, Desenvolvimento Humano e da Personalidade. Em sua atuação, desenvolve pesquisas de trabalho especialmente que se relacionam à psicanálise.

Procurou a autora fazer uma releitura perpassando a condição do “desamparo” desde a concepção do homem na sociedade a deter-se na contemporaneidade. Toca em suas reflexões em questões sobre o ideal do Ego/Superego desenvolvendo raciocínio voltado também ao entendimento da ética, moral social.

Tendo a Psicologia como lugar de trabalho, a autora traz importantes contribuições sobre a teoria do Desamparo. No decorrer da tessitura narrativa, a autora faz um apanhado ao longo da obra Freudiana, sobre o tema que deu título ao livro.

A obra foi estruturada em oito capítulos, onde discutiu-se vários aspectos sobre o tema. O primeiro capítulo apresenta a noção de desamparo na metapsicologia freudiana, o capítulo dois faz uma comparação entre a tradução Desamparo, e a palavra original utilizada em alemão por Freud (Hilflosigkeit), no capítulo três, ocorre a discussão sobre questões epistemológicas da questão do desamparo em Freud, o capítulo quatro evidencia a problemática do desamparo nestes textos. O quinto explora a questão do desamparo e o mal-estar na modernidade, o sexto aborda as subjetividades e o mundo atual, o sétimo debruça-se sobre o desamparo e a questão do masoquismo, e o último capítulo faz as considerações finais.

¹Graduando de Psicologia pela Faculdade Pitágoras de Uberlândia

²Psicóloga pela Universidade Federal de Uberlândia

De forma bem sucinta, a obra defende a ideia de que o desamparo está para além de uma circunstância fortuita na vida dos indivíduos. Ele é fundante e estruturante de toda a construção do psiquismo humano. Ele está também atrelado à gênese da religião, da cultura e da abertura que cada ser humano tem para o outro. Sua profunda importância ligada à condição do humano, está também atrelada às várias formas de mal-estar presentes ao longo na sociedade e também na contemporaneidade.

Antes de nos debruçarmos sobre todas estas questões, no entanto, é necessário dizer que Freud foi criador da psicanálise e ao longo de toda a sua obra, voltou-se para as questões do psiquismo humano. Suas investigações enquanto médico e sua observação clínica, levaram-no a romper com as teorias predominantes em sua época, e criar as bases para a metapsicologia, ou seja, uma psicologia que se debruça sobre as questões e conflitos que estão para além da consciência humana.

Ao longo de sua vida, enquanto criava as bases para a teoria psicanalítica, escreveu sobre vários temas dentro do universo gigantesco que se constitui, o psiquismo humano. Contudo, não existia uma obra a que se dedicou a tratar exclusivamente sobre a questão do desamparo, mesmo este conceito estando presente ao longo de toda a sua obra, e sendo ponto fundamental para a construção da teoria psicanalítica. Lucianne Sant'Anna de Menezes, foi quem através de uma longa pesquisa bibliográfica, dedicou-se, como um minerador, a peneirar nos textos do pai da psicanálise os escritos que havia deixado a respeito do tema, transformando-o em um livro.

A autora inicia o texto, retratando o significado da palavra desamparo, e fazendo um diálogo com sua conceituação dentro da teoria Freudiana. Em suas palavras:

Sob este prisma, podemos dizer que o termo 'desamparo' designa a condição de ausência de ajuda, em que não há o auxílio de alguém e tampouco se pode contar com proteção alguma. (...) não há refúgio, nem alguém que possa socorrer; implica uma condição de abandono, solidão e esquecimento. (MENEZES, 2012, p. 24).

Nos textos originais, publicados no alemão, a palavra empregada para designar o termo é *Hilflosigkeit*. Que segundo as palavras da própria autora "Literalmente, *Hilflosigkeit* significa 'ausência de ajuda". Pois ela é composta por *Hilflos*, que significa aquele que está sem ajuda ou auxílio, *los* é um sufixo de negação, que anula a ação do verbo *helfen*; e *keit* significa auxílio, ajuda. Portanto, a tradução: Desamparo, era uma perfeita simbolização para o conceito que Freud quis passar, ao longo de seus escritos

No uso cotidiano, a palavra *Hilflosigkeit* é um misto de “falta de saída”, ‘falta de solução para alguma coisa’, ‘falta de apoio de toda espécie’; designa um estado em que a pessoa fica sem saber o que fazer diante de uma situação “X”; é uma sensação de vazio e desespero diante da ausência de *hilfe*, “ajuda”. A *Hilflosigkeit* é o desamparo, ou seja, estado/condição em que não há ajuda possível para o sujeito, não tem alguém para amparar, para proteger, para auxiliar. (MENEZES, 2012, p, 26)

Depois desta conceituação, Menezes mostra que o desamparo é fundante e estruturante do psiquismo humano. Esta perspectiva mostra o papel e a importância deste conceito para a teoria psicanalítica. Para explicar o motivo destas duas colocações, basta verificar que a condição de desamparo está sempre interligada a um outro.

Para que o desamparo seja concebido como fundante do psiquismo, é necessário lembrar a condição à qual nasce um bebê na espécie humana. A criança recém-nascida não possui meios de suprir as próprias demandas, nem seus desejos, nem suas necessidades. Além de tudo, ela não é capaz de simbolizar em palavras. Ou seja, o desamparo biológico em que o bebê se encontra logo após o seu nascimento, o torna dependente de um outro, e é sempre nesta relação com o outro que todo o edifício do psiquismo vai se iniciar e estruturar.

Esta pessoa que executa a função materna, sendo suficientemente boa ou não, e da forma como vivencia e dá suporte ao desamparo biológico do bebê, terá um papel fundamental sobre como este novo ser, lidará futuramente com o seu próprio desamparo. Visto que ele é condição estruturante do psiquismo também. Portanto, o inegável é: o desamparo está inteiramente ligado na relação com um outro, e é ele quem faz esta abertura para tal relação.

Esta inserção no campo do outro, promovida pelo desamparo é visto como fonte primordial de todos os motivos morais, pois é a partir desta vivência que serão introjetados futuramente os valores que ele traz. Desse encontro, portanto, onde antes havia a impotência e o desamparo por parte da criança, inscreve-se agora o processo de desejo, pois há uma experiência de satisfação promovida pela intervenção do outro.

Entretanto, o desamparo não se constitui somente como este inicial, biológico. Sua dimensão vai muito além! Ele é considerado como constitutivo da condição humana, e perpassa toda sua existência.

O ser humano encontra-se em desamparo diante do corpo biológico que falha, adocece e envelhece; encontra-se em desamparo diante da vida social; e encontra-se em desamparo diante de seu inevitável fim.

Em: O Futuro de uma Ilusão, Freud (1927) mostra como estas três fontes de sofrimento humana, juntamente com a questão da figura paterna, dão origem à religião. Deus, portanto, atua como um substituto à figura paterna, quando a criança entende que seu próprio pai não é capaz de vir em seu auxílio ou de ampará-lo em todas as situações da vida. Ou seja, o desamparo como questão psíquica humana é o desencadeador da busca humana de uma figura paterna onipotente, Deus.

O desamparo também está atrelado na origem da vida social, uma vez que o homem ao se deparar frente às forças da natureza, estabeleceu o convívio social. Ou seja, no conflito entre liberdade e Segurança, os indivíduos abrem mão de um quinhão de liberdade, em prol dos benefícios que a vida em comunidade lhes proporciona. Portanto, o desejo que antes era o do mais forte, teve de ceder espaço, para uma espécie irmandade, que buscava tirar os indivíduos desta posição de desajuda. E o preço cobrado era a abdicação de parte destes desejos, para um estabelecimento de um convívio coletivo. A norma, a lei, a moral, portanto vêm para coibir o desejo, em função desse novo modo comunitário, que em última análise só existe, para dar sustentação a uma condição humana de vulnerabilidade.

Em “Totem e Tabu”, Freud (1913) cria o mito fundador da sociedade humana. Este mito diz de um pai dominador e autoritário, que dominava todas as mulheres de seu grupo. Seus filhos então, se juntam e o matam. Em outras palavras, a lei do mais forte, era o que imperava, contudo, este mais forte eram quem provinha de certa forma uma proteção sobre aqueles que subjugava. Com a morte do pai, os filhos o internalizam, mantendo a proibição do incesto que lhes era imposta, tornando assim a lei paterna introjetada. E o parricídio constituiu-se como originário da lei da proibição da morte. Uma vez que eles temiam serem também subjugados pelos outros irmãos, e era preciso dar fim então ao gozo ilimitado.

Este mito na verdade, trata-se de uma alegoria sobre a origem do social, que em última instância visa coibir a lei do mais forte, proibir o assassinato e instituir a proibição do incesto. “Portanto, a cultura tem por função a proteção da condição do desamparo (Hilflosigkeit) humano frente ao mundo (forças da natureza) e aos outros homens, tanto quanto a organização de suas relações sociais e a divisão dos bens.” (MENEZES, 2012, p. 87)

Isto mostra, que esta mesma vida social, também faz sérias restrições aos indivíduos. Pois, para viver em sociedade, há a abdicação dos desejos. Não somente estes citados acima e ilustrados pelo mito do pai primeiro, mas todos os outros que as regras em comunidade vão criando ao longo da história humana. E estas frustrações impostas pelo convívio com o outro,

encontram poucas formas de serem compensadas, pelos meios permitidos na cultura. Desta forma, esta energia gerada pelo desejo, que não encontra canalização ou simbolização é também desencadeadora de sofrimento humano, vários complexos e patologias. Freud, portanto, entendeu que o sofrer humano e as formas de adoecimento, estão completamente ligadas à cultura de cada época, e de modo primordial, com a condição de vida em sociedade. Portanto, a cultura torna-se uma faca de dois gumes frente ao desamparo.

Em outro texto intitulado: “Psicologia das massas e análise do Eu”, Freud (1921) traz a concepção de que é impossível fazer uma distinção entre psicologia individual e psicologia coletiva, uma vez que uma está completamente ligada à outra. Para representar as regras, os valores e a moral, há no indivíduo o Superego, que seria uma instância, responsável por introjetar esta lei paterna na criança. O Superego seria então um herdeiro do complexo de Édipo, e complexo de Castração. Onde a criança por medo da perda do amor, entraria na fase de latência. Ou seja, é o medo da perda do objeto amado. Aquilo que lhe traz a condição de amparo, frente às limitações do mundo infantil. “Ao colocar o desamparo como um dos dois fatores responsáveis pela gênese do Superego, Freud afirma a importância do desamparo na constituição dos ideais e do psiquismo.” (MENEZES, 2012, p. 53)

Menezes também traz várias outras contribuições sobre o assunto mostrando como a angústia se funda no desamparo:

Aqui, a angústia é definida como reação a um modelo específico de situações de perigo, ou seja, é concebida como a condição necessária para colocar o processo de recalque em ação. Nesse sentido, frente a qualquer ameaça da instalação de uma situação de perigo, o eu pode emitir um sinal de angústia. (...) a angústia é um produto do desamparo psíquico do bebê recém-nascido, o qual é um símile natural de seu desamparo biológico (motor) (1926, p. 162). Para Freud, em última instância, a angústia funda-se sobre a Hilflosigkeit. (MENEZES, 2012, p. 62 e 63)

Para finalizar o texto, gostaríamos de ressaltar que a autora debate sobre várias outras questões acerca do desamparo, e que o limite de páginas não nos permite tratar aqui. Ressaltamos os pontos que consideramos mais importantes e destacados dentro da obra, e sugerimos a leitura, principalmente se o leitor desta resenha, quiser se debruçar nas questões do desamparo e a contemporaneidade, assunto debatido no último capítulo do livro.

Percebemos o quão importante, foi a publicação deste tema que é fundamental para o estudo e entendimento da teoria psicanalítica e que ainda não havia ganhado um devido destaque, em uma obra literária que o abordasse como tema principal.

Acreditamos que este texto seja indicado para qualquer um que tenha curiosidade de conhecer sobre a psique humana. Mas principalmente, torna-se obra bibliográfica muito importante para os que têm o anseio por entender a psicanálise freudiana, devido ao fato de que entrelaça vários conceitos fundamentais desenvolvidos por Freud dando também um novo destaque para a questão do desamparo. A utilidade do texto está para além da curiosidade também, uma vez que permite um novo entendimento sobre os conflitos humanos para a prática clínica. Esperamos que o leitor construa sua reflexão sobre estas apresentadas, e tire suas próprias, possibilitando novos diálogos no fazer e refazer da sociedade acadêmica.